



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Dos Territórios Ctônicos aos Celestiais: constituição e difusão do acervo da Encomendação de Almas de Santana

Autora: Ana Luisa Lauria

Área: Cultura, Memória e Patrimônio Cultural

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal
da Bahia

Email: analuisa.lauria@gmail.com

Resumo: O presente resumo dedica-se à apresentação das Encomendadeiras de Almas de Santana (região Oeste da Bahia), bem como aos passos do percurso através do qual será constituído o fundo arquivístico sobre a cerimônia funerária circunscrita à cidade em questão.

Palavras-chave: Memória cultural; Encomendação de Almas; Patrimônio cultural imaterial;
construção de acervo; difusão documental

Não há lugar na Terra onde a morte não possa alcançar – mesmo que voltemos a cabeça uma e outra vez perscrutando em todas as direções, como numa terra estranha e suspeita... Se houvesse algum modo de conseguir abrigo contra os golpes da morte – não sou homem de recuar diante dela... Mas é loucura pensar que se pode vencê-la...

Os homens vão, vêm, trotam e dançam, e nem um pio sobre a morte. Tudo parece bem com eles. Mas aí quando ela lhes chega e às suas mulheres, filhos, amigos, pegando-os de surpresa e despreparados, que tormentas de paixão os esmagam, que gritos, que fúria, que desespero!... Para começar a tirar da morte seu grande trunfo sobre nós, adotemos o caminho contrário ao usual; vamos privar a

morte da sua estranheza, vamos frequentá-la, acostumarmo-nos a ela; não tenhamos nada senão ela em mente... Não sabemos onde a morte nos espera: então vamos por ela esperar em tosa parte. Praticar a morte é praticar a liberdade. Um homem que aprendeu como morrer desaprendeu a ser escravo (Montaigne:1972).



Arquivo pessoal das Encomendadeiras de Santana

Parafraçando o poeta Mario Quintana, nossa morte nasce quando dos nossos próprios nascimentos. Logo, refletir sobre a impermanência humana, bem como contemplar o ato de morrer no cotidiano poderiam se traduzir em uma gentil e inevitável familiaridade com a finitude da existência.

As sociedades, cada qual a seu modo, criaram sistemas de significação para pensar a possível relação de continuidade entre os vivos e os já falecidos, haja vista a presença de rituais dedicados à consagração dos defuntos¹ e dos mistérios evocados pelo evento da morte.

¹ A preparação dos cadáveres, a exemplo da mumificação egípcia.

Levar em consideração que os mortos sobrevivem à morte é a premissa na qual se sustenta a prática da Encomendação das Almas da cidade de Santana, situada no extremo oeste baiano.

A cerimônia, cujo recorte temporal é um tanto impreciso, foi investigada pelo historiador Vilmar Teixeira de Souza²:

Desde meados do século XIX, as “Encomendações às Almas” vêm sendo realizadas em Santana dos Brejos (...) o mais antigo vem desde há 100 anos atrás, passando de avós para filhas e netas – começou com a avó de Dona Euflorsina Rosa da Conceição Menezes (Fulorzina de Marciano) da Rua das Pedras...

As imprecisões sobre o percurso através do qual o rito se construiu deve-se ao fato dele ser fundamentado na oralidade; não sabemos, com exatidão, em que dia, mês e ano as primeiras preces ecoaram pelas ruas da cidade em louvor aos mortos.

Consta no site oficial³ da cidade que

Na sexta-feira santa em Santana tem lugar uma das manifestações culturais mais antigas: As "Encomendadeiras". Grupos de mulheres todas vestidas de branco que desfilam pela cidade, visitando igrejas e cemitérios fazendo orações em louvor às almas. Em Santana temos três grupos de Encomendadeiras: o Grupo de "Maria do Barro"; o de "Dete das Cobras" e de "Euflozina" da Rua das Pedras.

A longínqua tradição da Encomendação de Almas é uma prática penitencial que ocorre a semana santa. Nesse período ladainhas e orações são dirigidas àqueles que se encontram em desassossego *post-mortem*.

Cobertas por uma túnica branca, feita com lençóis, mulheres agitam suas matracas e fazem, anualmente, sua andança cerimonial para livrar as almas do purgatório. A liderança do coletivo social da Encomendação se faz através da presença de uma puxadora das rezas e cantos. Aos demais componentes do grupo cabe a responsabilidade de acompanhar e sustentar a andança cerimonial.

Atualmente, dois grupos continuam a realizar a cerimônia. A morte de Dona Euflorzina deflagrou o silenciamento de um dos grupos, pois nenhuma das mulheres que acompanhavam a falecida puxadora lembram, por completo, do repertório das rezas que compõem o ritual.

² Membro da Secretaria de Cultura, Turismo e Cerimonial.

³http://www.santana.ba.gov.br/cultura/admin/app_index.php?chave=e17ace3478b9e649528fb8202714b9a4ca1a0790&acao=exibir_composicao

Aliás, foi em função desse contexto – marcado pela ausência – que decidi realizar minha empreitada etnográfica cujo produto final será a constituição de um arquivo sobre as Encomendação santanense.

A intenção de documentar a tradição deve-se aos seguintes fatos: não há, até os dias atuais, trabalhos de pesquisa no âmbito de pós-graduação na Bahia que contemplem a cerimônia funerária da cidade de Santana.

Outro fator que ratifica a urgência da pesquisa é Dona Maria e Dona Dete se encontrarem em avançada idade. Por ser uma tradição forjada na oralidade, o falecimento de quem ocupa a função mais significativa representa um grande risco de cunho arquivístico.

A investigação produzida em função do mestrado em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia – linha de pesquisa Documentos da Memória Cultural⁴ – excede as fronteiras acadêmicas e se propõe a ser uma história acessível, em princípio, à própria comunidade.

Um dos questionamentos fulcrais que atravessam a pesquisa é: como transformar aquele que é observado em sujeito, ou seja: como delegar a devida autoridade às emissoras e protagonistas do ritual?

Assim sendo, ocorreu a interseção entre o projeto de pesquisa e as políticas de cultura estaduais. A primeira ação concretizada é a exposição Recantos das Almas: As Encomendadeiras de Santana, contemplada pelo Edital Demanda Espontânea – Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e Superintendência de Promoção Cultural. O projeto consiste na exposição permanente de trinta e cinco fotografias e cinco banners sobre o ritual na Casa de Cultura da cidade de Santana em 30 de junho de 2012.

As fotos registrarão o “passo a passo” da cerimônia e os banners conterão informações e textos de cunho etnográfico (trechos de benditos, rezas e algumas ladainhas). Também serão produzidos cinco álbuns com 120 fotografias a serem entregues às Encomendadeiras.

Para além de democratizar o acesso a bens culturais com a exposição permanente e gratuita do material produzido, o acervo da Casa de Cultura de Santana receberá a doação integral das fotografias e da pesquisa etnográfica abarcadas pela exposição. Santana é uma comunidade periférica (concreta e subjetivamente); os saberes orais que circulam neste espaço, por sua vez, não gozam de prestígio e reconhecimento.

A documentação acadêmica e sua respectiva difusão, por conseguinte, é uma ação concreta que rompe com a subalternidade histórica da cerimônia. Devido ao trânsito entre o mundo

⁴ Sob orientação da professora Dra. Alvanita Almeida Santos.

dos vivos e dos mortos (os mistérios e causos que orbitam em torno das emblemáticas Encomendadeiras) e ao ineditismo da documentação de um patrimônio imaterial invisibilizado, é que o ritual se faz uma inestimável proposta de investigação.

Em maio de 2011 procurei pela Secretária de Cultura, Turismo e Cerimonial, Maria Auxiliadora Silva Braga de Souza, e expus meu desejo de ir à cidade para conhecer as representantes do grupo. No mesmo período, a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia estava com inscrições abertas para o apoio a projetos culturais. O edital em questão, *Demanda Espontânea*, comportava diversas linguagens e se apresentava como uma ótima oportunidade de produzir um testemunho iconográfico.

O repertório de imagens sobre o ritual é parte fundamental da constituição do fundo arquivístico ao qual me dedicarei durante o mestrado.

Fui à cidade de Santana no período do São João. Aos poucos, tornou-se possível o convívio com as Encomendadeiras e, por conseguinte, a abertura necessária para apresentar a idéia de documentar o culto. Com as devidas permissões e “bênçãos”, foram coletadas histórias de vida e descrições ritualísticas. Ambas perfazem, aproximadamente, 4 horas de entrevistas filmadas, fotografias e curiosas narrativas transcritas no diário de campo.

Em nossas primeiras conversas, Netinha (apelido pelo qual Maria Auxiliadora Souza é conhecida) foi bastante receptiva, demonstrando profundo interesse em colaborar com a proposta, de modo que fui ao encontro das mulheres que dedicam sua fé àqueles que habitam no mistério.

A contextualização sobre meu primeiro contato pauta-se pela seguinte necessidade: ao pesquisar os territórios ctônicos de memórias que sobrevivem à passagem do tempo, é imprescindível o apoio da comunidade que acolhe a prática sobre a qual se pretende inventariar.

Em alguns discursos acadêmicos tradição é compreendida como um processo que, ao recusar mudanças, conserva um estado (e status) de pureza e intocabilidade. Stuart Hall, porém, considera que “a tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência das velhas formas” (HALL, 2003, p. 243).

Entender a Encomendação das Almas como a reprodução fidedigna do legado herdado daqueles que precederam as atuais puxadoras seria, no mínimo, ingênuo. O grande equívoco dessa postura é a descartar o dinamismo e a transformação inerentes a quaisquer práticas culturais⁵.

⁵ Dona Odete das Cobras, há três anos, colocou uma cruz vermelha costurada na parte traseira da túnica utilizada na cerimônia.

Se, por um lado, as Encomendadeiras são as detentoras dos princípios que regem o ritual (regras de conduta, valores, condições de realização, etc), os moradores da cidade⁶, em uma perspectiva especular (através de suas recordações pessoais), alimentam e dão contornos específicos ao imaginário social da cidade em relação às *Santas Almas Benditas*.

Face ao exposto, a garimpagem e constituição documentais da Encomendação de Almas têm por objetivos: salvaguardar o ritual pascoal das Encomendadeiras de Almas de Santana; mapear antropologicamente, através de fotografias, filmagens, entrevistas e textos, os contextos simbólico e espiritual que subjazem na Encomendação e fomentar o (re)conhecimento oficial de uma cerimônia religiosa tradicional da Bahia.

Diante da necessidade de problematizar a inventividade da tradição, os instrumentos metodológicos prescrevem que a descrição seja o mais eficiente e detalhada possível.

O mapeamento preliminar do campo e das protagonistas da pesquisa (a fim de que se realizasse o recrutamento de entrevistados, a contextualização dos dizeres, opiniões, comportamentos, reconhecimento dos fundamentos de pesquisa, etc) indicou que a escolha mais coerente é adotar a perspectiva adotada etnográfica.

Nas palavras do antropólogo Vagner Gonçalves da Silva,

A partir do contexto de descolonização dos povos tradicionalmente estudados pela antropologia, nos anos 60, o tema do trabalho de campo parece ter ressurgido com maior intensidade e os limites e objetivos do texto etnográfico colocados em escrutínio (...) O texto etnográfico, como representação do campo e das relações que nele se dão, pode ser, portanto, menos o resultado “final” de uma pesquisa, e mais um meio para a melhor compreensão dos valores do outro, considerando o fato de que estes valores são interpretados por alguém que também não se despe de seus próprios valores e subjetividade, e fala para terceiros, desconhecidos, de modo generalizante, ainda que cuidadosamente.

O pesquisador que se aventura a constituir peças fundantes de um arquivo precisa estar ciente dos modos de produção e circulação do material coletado na pesquisa de campo a fim de evitar hierarquizações diante das diferenças identitárias deflagradas nas experiências de contato e convívio.

⁶ Agradeço, com especial ênfase, à Netinha, Sancler Queiroz – assessor de comunicação da prefeitura, ao historiador Vilmar Teixeira de Souza, Dona Dita da pensão, José da Casa de Cultura e ao prefeito, Sr. Marco Aurélio dos Santos Cardoso.

Por sua vez, a memória - na qual repousa as diretrizes que determinam a prática religiosa em questão - é um organismo vivo e volátil que anula a diferenciação cronológica por meio da qual as categorias de passado, presente e futuro se inter cruzam.

O arquivo em trânsito da Encomendação de Almas pode ser apreendido em sua dimensão física na qual constará a catalogação das fontes primárias, vídeos, fotografias e a própria dissertação⁷. Sobretudo, é possível interpretá-lo como um local sociocultural de conservação dos rastros e vestígios içados de sua circunstância subterrânea a caminho de um lugar ao sol.



Arquivo pessoal das Encomendadeiras – Extinto grupo de Dona Euflozina

⁷ O título provisório da dissertação é *As Encomendadeiras de Santana e o Réquiem das Almas*.

REFERÊNCIAS

- BURQUE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006;
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006;
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural da Pós Modernidade**. 10 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005;
- MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio de Montaigne**. São Paulo: Abril Cultural – Coleção Os Pensadores, 2 vols., 1972;
- HOBSBAWM, Eric e RANGER, T. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997;
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2000;
- YÚDICE, Georges. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2004.